

PARA PENSAR O ENSINO DE FILOSOFIA

Rosevânio de Britto Oliveira – UEPB
e-mail: rosevaniobritto@hotmail.com

Prof. Dr. Valmir Pereira – UEPB
e-mail: provalmir@gmail.com

Introdução

Temos consciência de que a educação passou e ainda passa por momentos de altas e baixas. Porém, devemos perceber que cada unidade escolar tem sua própria história e seu modo de existir, articulando junto com as pessoas que contribuem para o seu desenvolvimento. É no cotidiano da sala de aula que os alunos desenvolvem sua compreensão de mundo. Quando voltamos o nosso olhar para pensar às aulas de filosofia se faz necessário perceber o que ela seria para poder posteriormente partir para o seu ensino.

Com isso, o presente artigo visa refletir sobre as aulas de filosofia no nível médio de ensino, destacando para o momento alguns pontos que compõem as aulas dessa área do conhecimento, a saber: o currículo, os métodos, as metodologias, entre outros pontos.

Metodologia

Buscaram-se para fundamentar este trabalho pesquisas bibliográficas referentes há alguns teóricos, a saber: Silvio Gallo (2012), Ronai pires da Rocha (2008), Cipriano Luckesi (2012). Tendo o objetivo de descrever por meio dessas pesquisas como são pensadas as aulas de filosofia referente ao nível médio. No mais, a temática aqui abordada neste trabalho é de suma importância no que se refere ao ensino de filosofia.

Resultados e discussão

Em nosso cotidiano são encontrados muitos questionamentos sobre o ensino de filosofia. De um lado, ela é usada como salva-vidas na formação do estudante, mas, por outro lado, é desprezada como disciplina. É como se o ensino de filosofia estivesse ameaçado de ser apenas uma disciplina optativa ou novamente ser retirada do currículo, como ocorreu na década de 1960.

Muitos são os obstáculos a serem superados para que essa presença seja possível; sobretudo porque, quando uma instituição opta por incluir filosofia em seu currículo ou quando uma política educacional dispõe sobre a inclusão da filosofia nos currículos escolares, isso se faz em nome de uma certa filosofia e em nome de certas intenções para com a filosofia (GALLO, 2012, p. 27).

Frequentemente muitos são os questionamentos sobre ensinar filosofia no nível médio, visto que o público alvo é composto por jovens e adolescentes refletindo se o exercício do filosofar é ou não uma característica apenas dos que possuem maturidade intelectual.

Rocha (2008) nos alerta que convém pensar como esta disciplina está sendo apresentada pelos diversos professores que a ministram. O que se espera do professor de filosofia é que,

[...] decline em detalhes a contribuição que pretende dar, que fale sobre as habilidades e competências típicas de sua disciplina, sobre sua metodologia, sobre o planejamento curricular que tem em mente e que não chateie os demais com discursos sobre a pretensa superioridade da Filosofia (ROCHA, 2008, p. 18).

Ou seja, cabe ao professor de filosofia ter em mente onde ele se encontra, buscando decidir sobre os conteúdos, as metodologias, as avaliações, levando em conta a realidade escolar bem como o material didático assumido por ele e/ou pela escola.

Quando pensamos a sala de aula mediante esta disciplina podemos encontrar professores que são meros reprodutores de conteúdos e informações, tomando como exemplo a sua própria formação universitária. Segundo ROCHA (2008, p. 91),

Se falamos em Currículo, somos obrigados a falar em conteúdos e métodos de ensino; temos que falar sobre coisas mais particulares que dizem respeito aos problemas

decorrentes de sua aplicação concreta nas instituições escolares; devemos indicar princípios de planejamento e de avaliação a ser colocados em prática; e devemos, antes de tudo isso, falar de uma proposta educacional, pois o currículo é o conjunto das iniciativas, dos meios e dos procedimentos com os quais, [...], tentamos colocá-la em prática.

No currículo não estão somente os conteúdos programados que o compõe, mas os métodos e as metodologias nas quais serão utilizadas. Remetendo-nos às Orientações Curriculares para o ensino médio (BRASIL, 2006, p. 9) percebemos que,

O currículo é a expressão dinâmica do conceito que a escola e o sistema de ensino têm sobre o desenvolvimento dos seus alunos e que se propõe a realizar com e para eles. Portanto, qualquer orientação que se apresente não pode chegar à equipe docente como prescrição quanto ao trabalho a ser feito.

Sendo assim, no que concerne os conteúdos a serem ministrados em sala de aula na disciplina de Filosofia, as mesmas orientações curriculares para o ensino médio nos sugere uma média de trinta itens de conteúdos que perpassam a história da filosofia e se distribuem entre temas filosóficos e autores, na esperança de que os futuros professores estejam formados a partir desse quadro curricular.

Salientamos também que, se as próprias orientações curriculares para o ensino médio – conhecimento de Filosofia apresenta apenas “sugestões de conteúdos” e uma vez que o próprio professor faz o recorte, este fica autorizado em decidir por si mesmo *o que* e *o como* trabalhar. “Temos ao menos três eixos em torno dos quais podemos construir um currículo de filosofia: um *eixo histórico*, um *eixo temático* e um *eixo problemático*” (GALLO, 2012, p. 122, grifos do autor).

Cipriano Luckesi (2012) aponta dois caminhos metodológicos nos quais podemos expor o sentido da filosofia, a saber: por um lado, devemos buscar definir a filosofia de acordo com os pensadores e, por outro seria buscar uma só definição na qual considerasse mais adequada.

Embora possamos percorrer estes dois caminhos para definir a filosofia ou o exercício do filosofar, o caminho a ser percorrido será o de “analisar a filosofia como prática de conhecimento que aborda, discute e reflete os fundamentos da prática

humana cotidiana, nas suas diversas dimensões – existencial, política, social, educativa, etc” (LUCKESI, 2012, p.70).

A filosofia existe no mundo Ocidental desde a Grécia antiga, refletindo sobre os dados concretos do dia a dia. Muitos definiram a filosofia ao longo da história, porém é certo que derivando das palavras gregas *philos* e *Sophia*, a filosofia significa amor/ amizade pela sabedoria/ conhecimento. Assim, o filósofo é convidado a ser este amigo do saber. Suas obras são diversas, pois ao longo da história da filosofia muitas foram as correntes filosóficas, a saber: Pré-socráticos, Platonismo, Aristotelismo, Cinismo, Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo, Neoplatonismo, Humanismo, Empirismo, Racionalismo, Idealismo, Utilitarismo, Existencialismo, Marxismo, entre outras correntes. É de suma importância o conhecimento dos filósofos ou como são chamados, o conhecimento dos clássicos, visto que estes contribuíram muito para o desenvolvimento do conhecimento ao longo dos séculos.

Os pensadores clássicos não podem ser desconsiderados, pois que foram eles que, ao longo do tempo, desenvolveram essa exercitação permanente de criticar os sentidos e significados vigentes e comuns do seu tempo, tentando elevar a cultura e o conhecimento para um patamar novo. Temos muito a aprender com eles, seja quanto aos métodos da reflexão filosófica, seja, principalmente, quanto aos conteúdos de entendimento do mundo e da vida (LUCKESI, 2012, p. 95).

Ao longo da história como se percebe, existiram várias concepções filosóficas. Contudo, percebe-se também que com o movimento histórico indicará qual será a concepção filosófica mais significativa e que predominará naquele momento. Cabe a cada filósofo ter uma sensibilidade de acordo com sua experiência vivida diante da realidade encontrada em cada época.

No mais, deve-se ter em mente que a formação de ideias é pautada nas relações que o ser humano tem diante da realidade do mundo em que vive. Vale salientar que o processo do filosofar é algo que se dá constantemente no dia a dia e que não está longe de nós. Ele se faz presente à nossa frente e devemos começar a refletir sobre nossa própria realidade de vida sendo isso de forma cada vez mais crítica.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio,

A filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no ensino médio, por isso é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando (BRASIL, 2006, p.15).

Observa-se que não se pode definir de maneira prontinha como uma “receita de bolo” que dá formato à massa, as estratégias e métodos para ensinar filosofia. O real motivo é a sua singularidade, ou seja, cada local, sala de aula, público alvo, corresponde a uma realidade particular e é nessa realidade que deve adaptar-se para poder ensinar filosofia.

Conclusão

Consideramos que os desafios nas práticas educacionais existentes na área de filosofia em nosso tempo são muitos, sendo necessário olhar em volta e refletir sobre o que está sendo feito: buscar o significado dos conteúdos de ensino e das práticas que são desenvolvidas na escola pelos professores. Questionar, portanto, os conteúdos de ensino segundo sua relevância para iluminar a compreensão da realidade não é uma tarefa simples: exigem dos professores muita clareza e domínio de sua área específica.

Referências

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** - Ciências humanas e suas tecnologias: conhecimentos de filosofia. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006, p. 15-40.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LUCKESI, Cipriano C. PASSOS, Elizabete S. **Introdução à filosofia**: aprendendo a pensar. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012 (Capítulo 4 e 5).

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de filosofia e currículo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.